

Domingo XIX do Tempo Comum – Ano A – 09.08.2026



Viver a Palavra

Numa primeira abordagem aos textos deste Domingo, contemplamos dois cenários que nos convidam ao descanso e ao repouso característico deste tempo de férias e lazer: na primeira leitura, Elias está sobre o monte e, no Evangelho, os discípulos navegam pelo mar. A montanha e o mar são destinos escolhidos para as merecidas e repousantes férias que preenchem a vida de tantos neste período do ano.

Contudo, quer Elias quer os discípulos não estão em férias e atravessam as dificuldades e exigências de quem procura Deus e de quem tantas vezes arrisca caminho sentindo a aridez da Sua ausência.

Elias anda fugido de si próprio e de Deus, longe da presença do seu Senhor a sua vida não conhece descanso nem sossego. Todos o procuram para o matar, o mundo perdeu o seu sentido e até Deus parece não ser mais o mesmo. Isolado nesta página da Escritura, Elias continua a ser conduzido e comandado por Deus que o salva da morte no deserto e que o liberta das próprias amarras, fazendo-o sair do escuro e do medo da gruta, para abrir diante de si um caminho novo. Não são as manifestações violentas que fazem tremer e fender as montanhas que manifestam a presença de Deus, mas a *«ligeira brisa»*, *«a voz de um fino silêncio»*. A poderosa suavidade de Deus vem ao nosso encontro, liberta-nos dos escuros e sombrios lugares onde tantas vezes nos refugiamos para nos abrir à vigorosa novidade de vidas que se fazem brisa suave a ecoar no mundo a suave e reconfortante melodia do amor de Deus.

O insistente pedido que cantamos no salmo – *«mostrai-nos, Senhor, o vosso amor e dai-nos a vossa salvação»* reclama das nossas vidas a coragem de partir para que no mundo o amor e a salvação de Deus se manifestem. Só Deus ama em plenitude e só Ele pode oferecer a salvação, mas conta connosco para a realização da Sua obra de amor. Como nos testemunha Paulo, somos chamados a viver impelidos pelo Espírito Santo. Conscientes da nossa filiação divina, somos convidados a testemunhar Cristo, único Salvador da humanidade, caminho que nos conduz ao Pai e fonte de serenidade diante das tempestades da vida.

A fome da multidão foi saciada e os discípulos são *«obrigados»* por Jesus a partir para a outra margem. Este texto é metáfora do caminho que a Igreja é chamada a viver no curso da história, no tempo entre a Páscoa e a parusia. Jesus está no alto, no cimo do monte a rezar. Ele é o Ressuscitado que está à direita do Pai a interceder por nós e os discípulos cumprem o mandato que lhes foi confiado enfrentando as exigências e as dificuldades de quem navega pelo desconhecido diante das adversidades da missão.

Os discípulos são enviados, mas não abandonados à sua sorte. Deus, em Jesus Cristo, revela de modo pleno e definitivo que não é indiferente às nossas dificuldades e dores, mas é o Emanuel, o Deus connosco que vem ao nosso encontro caminhando sobre as águas agitadas da nossa existência para nos assegurar que é mais forte do que qualquer mar açoitado pelo vento: *«Tende confiança. Sou Eu. Não temais»*. Como é bom e belo,

Como Pedro acredito que, se é o Senhor, também eu posso enfrentar o mar da vida mantendo o olhar fixo Nele. Contudo, quando desvio o meu olhar e atendo mais à violência do vento preciso de recentrar a minha vida e invocar uma e outra vez: «*Salva-me, Senhor!*» e sentirei de novo a mão do Senhor que me segura e liberta e que me garante que a eficácia da missão nasce da certeza da Sua mão forte que me ampara, segura e aponta o caminho certo. *in Voz Portucalense*.

De 9 a de 16 de agosto assinala-se a Semana Nacional da Mobilidade Humana. Em cada ano a Obra Católica Portuguesa das Migrações publica uma mensagem para assinalar esta semana. O tema da semana e a respetiva mensagem ainda não foram publicados, mas brevemente serão divulgados no sítio oficial da respetiva Comissão Episcopal. Partindo desta mensagem, cada comunidade cristã é convidada a dinamizar esta semana sensibilizando os fiéis para o drama de tantos refugiados, formando para uma cultura de acolhimento e integração que fomente o respeito pela dignidade humana e a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Estamos no ano litúrgico – **2025/2026, o Ano A**. Estamos a acompanhar o evangelista S. Mateus em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus.

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

saiu e ficou à entrada da gruta.

O texto que nos é proposto como primeira leitura aparece, precisamente, na sequência do massacre do

Carmelo. Jezabel, informada da morte dos profetas de Baal, promete matar Elias; e o profeta foge para o sul, a fim de salvar a vida. Atravessa o Reino do Sul (Judá), passa por Beer-Sheva e dirige-se para o deserto, em direção ao monte Horeb/Sinai (cf. 1 Re 19,1-8). É aí que o nosso texto nos situa. *in Dehonianos.*

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes pontos:

- Quem é Deus? Como é Deus? É possível provar, sem margem para dúvidas, a existência de Deus? Estas e outras perguntas já as fizemos, certamente, a nós próprios ou a alguém. Todos nós somos pessoas a quem Deus inquieta: há um "qualquer coisa" no coração do homem que o projeta para o transcendente, que o leva a interrogar-se sobre Deus e a tentar descobrir o seu rosto... No entanto, Deus não é evidente. Se confiarmos apenas nos nossos sentidos, Deus não existe: não conseguimos vê-lo com os nossos olhos, sentir o seu cheiro ou tocá-lo com as nossas mãos. Mais ainda: nenhum instrumento científico, nenhum microscópio eletrónico, nenhum radar espacial detetou jamais qualquer sinal sensível de Deus. Talvez por isso o soviético Yuri Gagarin, o primeiro homem do espaço, mal pôs os pés na terra apressou-se a afirmar que não tinha encontrado na estratosfera qualquer marca de Deus... O texto que nos é proposto convida todos aqueles que estão interessados em Deus, a descobri-lo no silêncio, na simplicidade, na intimidade... É preciso calar o ruído excessivo, moderar a atividade desenfreada, encontrar tempo e disponibilidade para consultar o coração, para interrogar a Palavra de Deus, para perceber a sua presença e as suas indicações nos sinais (quase sempre discretos) que Ele deixa na nossa história e na vida do mundo... Tenho consciência de que preciso encontrar tempo para "buscar Deus"? De acordo com a minha experiência de procura, onde é que eu O encontro mais facilmente: na agitação e nos gestos espetaculares, ou no silêncio, na humildade e na simplicidade?

- Hoje como ontem, há outros deuses, outras propostas de felicidade, que nos procuram seduzir e atrair.... Há deuses que gritam alto (em todos os canais de televisão?) a sua capacidade de nos oferecer uma felicidade imediata; há deuses que, como um terramoto, fazem tremer as nossas convicções e lançam por terra os valores que consideramos mais sagrados; há deuses que, com a força da tempestade, nos arrastam para atitudes de egoísmo, de prepotência, de injustiça, de comodismo, de ódio... O nosso texto convida-nos a uma peregrinação ao encontro das nossas raízes, dos nossos compromissos batismais... Temos, permanentemente, de partir ao encontro do Deus que fez connosco uma Aliança e que nos chama todos os dias à comunhão com Ele... Aceito percorrer este caminho de conversão? Encontro tempo para redescobrir o Deus da Aliança com quem me comprometi no dia do meu Batismo? Quais são os falsos deuses que, às vezes, me afastam da comunhão com o verdadeiro Deus?

- Na história de Elias (e na história de qualquer profeta), a descoberta de Deus leva ao compromisso, à ação, ao testemunho... Depois de encontrar o Deus da Aliança, aceito comprometer-me com Ele? Estou disposto a cumprir a missão que Ele me confia no mundo? Estou disponível para O testemunhar no meio dos meus irmãos? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 84 (85)

**Refrão: Mostrai-nos, Senhor, o vosso amor
e dai-nos a vossa salvação.**

**Deus fala de paz ao seu povo e aos seus fiéis
e a quantos de coração a Ele se convertem.
A sua salvação está perto dos que O temem
e a sua glória habitará na nossa terra.
Encontraram-se a misericórdia e a fidelidade,
abraçaram-se a paz e a justiça.
A fidelidade vai germinar da terra
e a justiça descerá do Céu.
O Senhor dará ainda o que é bom
e a nossa terra produzirá os seus frutos.
A justiça caminhará à sua frente
e a paz seguirá os seus passos.**

LEITURA II – Romanos 9,1-5

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos
Irmãos:

**Eu digo a verdade, não minto,
e disso me dá testemunho a consciência no Espírito Santo:
Sinto uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração.**

**Quisera eu próprio ser separado de Cristo
por amor dos meus irmãos,
que são do mesmo sangue que eu, que são israelitas,
a quem pertencem a adoção filial, a glória, as alianças,
a legislação, o culto e as promessas,
a quem pertencem os Patriarcas
e de quem procede Cristo segundo a carne,
Ele que está acima de todas as coisas,
Deus bendito por todos os séculos. Ámen.**

CONTEXTO

Depois de apresentar, nos primeiros oito capítulos da Carta aos Romanos, uma catequese sobre a salvação (apesar do pecado que submerge todos os homens e desfeia o mundo Deus, na sua bondade, oferece gratuitamente a todos os homens, através de Jesus Cristo, a salvação), Paulo vai referir-se, agora, a um problema particular, mas que o preocupa a ele e a todos os cristãos: que acontecerá a Israel que, apesar de ser o Povo eleito de Deus e o Povo da Promessa, recusou essa salvação que Cristo veio oferecer? Israel ficará, devido a essa recusa, definitivamente à margem da salvação? Na verdade, Deus jurou ao seu Povo, em vários momentos da história, libertá-lo e salvá-lo; ora, se Israel ficar excluído da salvação, podemos dizer que Deus falhou? Podemos continuar a confiar na sua Palavra? É a estas questões que, genericamente, Paulo procura responder nos capítulos 9-11 da Carta aos Romanos.

O texto que nos é proposto como segunda leitura deste domingo é a introdução a esta questão. *in Dehonianos.*

ATUALIZAÇÃO

A reflexão poderá ter em conta as seguintes questões:

- Uma das coisas que impressiona, neste texto, é a forma como Paulo sente a infelicidade do seu Povo. A obstinação de Israel em recusar a salvação fá-lo sentir "uma grande tristeza e uma dor contínua" no coração. Todos nós conhecemos irmãos - mesmo batizados - que recusam a salvação que Deus oferece ou que, pelo menos, vivem numa absoluta indiferença face à vida plena que Deus lhes quer dar. Como nos sentimos diante deles? Ficamos indiferentes e achamos que não é nada connosco? Deixamo-nos contaminar por essa indiferença e escolhemos, como eles, caminhos de egoísmo e de autossuficiência? Ou sentimos que é nossa responsabilidade continuar a testemunhar diante deles os valores em que acreditamos e que conduzem à vida plena e verdadeira?

- Este texto propõe-nos também uma reflexão sobre as oportunidades perdidas... Israel, apesar de todas as manifestações da bondade e do amor de Deus que conheceu ao longo da sua caminhada pela história, acabou por se instalar numa autossuficiência que não lhe permitiu acompanhar o ritmo de Deus, nem descobrir os novos desafios que o projeto da salvação de Deus faz, em cada fase, aos homens. O exemplo de Israel faz-nos pensar no nosso compromisso com Deus... Em primeiro lugar, mostra-nos a importância de não nos instalarmos num esquema de vivência medíocre da fé e sugere que o "sim" a Deus do dia do nosso batismo precisa de ser renovado em cada dia da nossa vida... Em segundo lugar, sugere que o cristão não pode instalar-se nas suas certezas e autossuficiências, mas tem de estar atento aos desafios, sempre renovados, de Deus... Em terceiro lugar, sugere que o ter o nome inscrito no livro de registos da nossa paróquia não é um certificado de garantia de salvação (a salvação passa sempre pela adesão sempre renovada aos dons de Deus). *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Mateus 14,22-33

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

**Depois de ter saciado a fome à multidão,
Jesus obrigou os discípulos a subir para o barco
e a esperá-l'O na outra margem,
enquanto Ele despidia a multidão.**

**Logo que a despediu,
subiu a um monte, para orar a sós.**

Ao cair da tarde, estava ali sozinho.

**O barco ia já no meio do mar,
açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário.**

Na quarta vigília da noite,

Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar.

**Os discípulos, vendo-O a caminhar sobre o mar,
assustaram-se, pensando que fosse um fantasma.**

E gritaram cheios de medo.

Mas logo Jesus lhes dirigiu a palavra, dizendo:

«Tende confiança. Sou Eu. Não temais».

Respondeu-Lhe Pedro: «Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas».

«Vem!» - disse Jesus.

Então, Pedro desceu do barco e caminhou sobre as águas, para ir ter com Jesus.

Mas, sentindo a violência do vento e começando a afundar-se, gritou: «Salva-me, Senhor!»

Jesus estendeu-lhe logo a mão e segurou-o.

Depois disse-lhe:

«Homem de pouca fé, porque duvidaste?»

Logo que saíram para o barco, o vento amainou.

Então, os que estavam no barco prostraram-se diante de Jesus, e disseram-Lhe:

«Tu és verdadeiramente o Filho de Deus».

CONTEXTO

No passado domingo, Jesus foi-nos apresentado como o novo Moisés, que conduz "ao deserto" um povo de coração escravo. Aí, liberta-o da opressão do egoísmo, ao mostrar-lhe que os bens são um dom de Deus, destinados a ser partilhados com todos os homens. Nasce, assim, a comunidade do Reino, isto é, essa comunidade fraterna de amor e de partilha, que se senta à mesa de Deus e que d'Ele recebe vida em abundância (cf. Mt 14,13-21).

O texto do Evangelho que hoje nos é proposto vem na sequência desse episódio. Mateus começa por observar que, depois desses sucessos, Jesus "obrigou os discípulos a subir para o barco e a esperar-l'O na outra margem, enquanto Ele despedia a multidão" (Mt 14,22). Esta nota pode indicar que Jesus quis arrefecer o entusiasmo excessivo dos discípulos (o autor do quarto Evangelho, a propósito do mesmo episódio, refere que Jesus Se retirou sozinho para o monte, pois sabia que "viriam arrebatá-l'O para O fazerem rei" - Jo 6,15). O episódio situa-nos na área do lago de Tiberíades ou da Genesaré, esse lago de água doce com 21 quilómetros de comprimento e 12 de largura situado na Galileia e que é o grande reservatório de água doce da Palestina. Para os judeus, o mar - e o lago de Tiberíades ou de Genesaré é considerado, para todos os efeitos, um "mar" - era o lugar onde habitavam os monstros, os demónios e todas as forças que se opunham à vida e à felicidade do homem. Na perspetiva da teologia judaica, no mar o homem estava à mercê das forças demoníacas; e só o poder de Deus podia salvá-lo...

Recordemos, ainda, que o nosso texto está incluído numa secção (cf. Mt 13,1-17,27) do Evangelho segundo Mateus, a que poderíamos chamar "instrução sobre o Reino". Aí, Mateus põe Jesus a dirigir-Se sobretudo aos discípulos e a instruí-los sobre os valores e os mistérios do Reino. É neste contexto de catequese sobre o Reino que devemos situar o episódio que hoje nos é proposto.

Lembremos, finalmente, que o Evangelho segundo Mateus - escrito durante a década de 80 - se destina a uma comunidade cristã que já esqueceu o seu entusiasmo inicial por Jesus e pelo seu Evangelho e que vive uma fé cômoda, instalada, pouco exigente. Para os crentes, avizinham-se grandes contrariedades e perseguições... A comunidade só poderá subsistir se confiar em Jesus, na sua presença, na sua proteção. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes desenvolvimentos:

- O Evangelho deste domingo é, antes de mais, uma catequese sobre a caminhada histórica da comunidade de Jesus, enviada à "outra margem", a convidar todos os homens para o banquete do Reino e a oferecer-lhes o alimento com que Deus mata a fome de vida e de felicidade dos seus filhos. Estamos dispostos a embarcar na aventura de propor a todos os homens o banquete do Reino? Temos consciência de que nos foi confiada a missão de saciar a fome do mundo? Aqueles que são deixados à margem dessa mesa onde se jogam os interesses e os destinos do mundo, que têm fome e sede de vida, de amor, de esperança, encontram em nós uma proposta credível e coerente que aponta no sentido de uma realidade de plenitude, de realização, de vida plena?

- A caminhada histórica dos discípulos e o seu testemunho do banquete do Reino não é um caminho fácil, feito no meio de aclamações das multidões e dos aplausos unânimes dos homens. A comunidade (o "barco") dos discípulos tem de abrir caminho através de um mar de dificuldades, continuamente batido pela hostilidade dos adversários do Reino e pela recusa do mundo em acolher os projetos de Jesus. Todos os dias o mundo nos mostra - com um sorriso irónico - que os valores em que acreditamos e que procuramos testemunhar estão ultrapassados. Todos os dias o mundo insiste em provar-nos - às vezes com agressividade, outras vezes com

comiseração - que só seremos competitivos e vencedores quando usarmos as armas da arrogância, do poder, do orgulho, da prepotência, da ganância... Como nos colocamos face a isto? É possível desempenharmos o nosso papel no mundo, com rigor e competência, sem perdermos as nossas referências cristãs e sem traírmos o Reino?

- Para que seja possível viver de forma coerente e corajosa na dinâmica do Reino, os discípulos têm de estar conscientes da presença de Jesus, o Senhor da vida e da história, que as forças do mal nunca conseguirão vencer nem domesticar. Ele diz aos discípulos, tantas vezes desanimados e assustados face às dificuldades e às perseguições: "tende confiança. Sou Eu. Não temais". Os discípulos sabem, assim, que não há qualquer razão para se deixarem afundar no desespero e na desilusão. Mesmo quando a sua fé vacila, eles sabem que a mão de Jesus está lá, estendida, para que eles não sejam submersos pelas forças do egoísmo, da injustiça, da morte. Nada nem ninguém poderá roubar a vida àqueles que lutam para instaurar o Reino. Jesus, vivo e ressuscitado, não deixa nunca que sejamos vencidos.

- A oração de Jesus (que em Mateus antecede os momentos de prova) convida-nos a manter um diálogo íntimo com o Pai. É nesse diálogo que os discípulos colherão o discernimento para perceberem os caminhos de Deus, a força para seguir Jesus, a coragem para enfrentar a hostilidade do mundo. *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** requer uma especial atenção nas três frases que possuem uma oração adversativa iniciada com a conjunção, «*mas*». É importante retirar toda a expressividade do texto para sublinhar que Deus se faz presente não nas manifestações mais violentas, mas na «*ligeira brisa*».

A **segunda leitura** é constituída essencialmente por suas frases com diversas orações. Esta construção textual requer uma preparação acurada que tenha especial atenção à pontuação, às pausas e respirações para uma articulada e eficaz proclamação do texto.